



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A CIDADE DE TERROSO E OS CASTROS DO NORTE DE PORTUGAL.

PINTO, R. de Serpa

Ano: 1932 | Número: 42

---

### Como citar este documento:

PINTO, R. de Serpa, A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães*, 42 (1-2) Jan.-Jun. 1932, p. 81-91.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal

---

Tendo conseguido reunir bastantes documentos sôbre as escavações inéditas realizadas na *Cidade de Terroso* (Póvoa de Varzim), pretendemos numa simples notícia preliminar tornar conhecidos os elementos que facultam para o estudo da cultura dos castros do norte de Portugal.

O material exumado por Rocha Peixoto e Dr. José Fortes em Terroso (1906-7) foi estudado nos Museus Municipal e Antropológico do Pôrto, com o auxilio de excellentes desenhos e fotografias dos srs. Gonçalo Cruz e José Calheiros (1).

Sem sair do ponto de vista objectivo, atentaremos na distribuição dos castros no norte de Portugal e na Galiza, para frisar as suas analogias e unidade.

Com as denominações fundamentais—*castro*, ou *crasto*, *castelo*, *cidade* e *citânia*, acompanhadas de mais de quarenta derivados, designa indistintamente o povo os numerosos vestígios de estações pre-históricas que coroam os nossos montes.

As origens de muitas delas vêm do êneolítico e da idade do bronze (estações típicas: Penha de Guimarães e Penacova nos Arcos de Valdevez), mas é durante a segunda idade do ferro que a *cultura dos castros* se unifica, com características post-hallstáticas seguramente estudadas pelo Prof. Bosch Gimpera, Prof. Mendes Corrêa, Florentino Cuevillas, Bouza Brey, etc. aparecendo as mais das vezes sob larga influência romana (2).

---

(1) Rocha Peixoto. *Beneméritos da Archeologia*. As explorações da Cidade de Terroso e do Castro de Laundos no concelho de Póvoa de Varzim. «Portugalia», II, pág. 677. Pôrto, 1908; R. de Serpa Pinto. *Cidade de Terroso*. «Trabalhos da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia», III, pág. 312. Pôrto, 1928

(2) P. Bosch Gimpera. *Los celtas y la civilizacion celtica en la Peninsula Ibérica*. Sep. do «Bol. de la Soc. Esp. de Excursiones», XXIX, págs. 40-43, 1921; B. Gimpera. *Ensayo de una reconstruccion de la Etno-*

Nos castros luso-calaicos abundam as casas de *planta circular* dispostas sem ordem e acanhadamente dentro da muralha.

O estudo da distribuição corográfica destas construções, forçosamente incompleto por falta de investigações sistemáticas, mostra-nos (fig. 1) que se encontram principalmente entre Minho e Douro, agrupando-se com maior densidade no litoral. Fora desta área encontram-se: ao

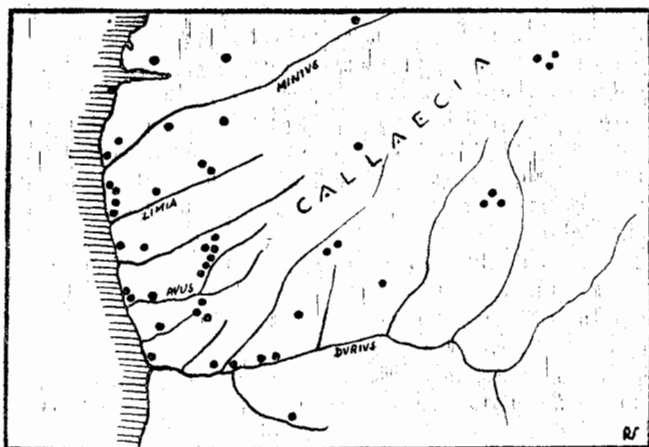


Fig. 1 — Distribuição dos Castros com casas circulares no noroeste da Península

norte do Rio Minho em alguns castros galegos (indicações de D. Fl. Cuevillas e Dr. Angel del Castillo) ao sul do Douro nos castros de Coroas Reais (Tendais) e de Moimenta (?) na Beira-Alta, estendendo-se ainda para Espanha (Saldeaña).

Não se podem contudo tomar estes limites como definitivos, pois que de alguns milhares de castros revelados pela toponímia poucos foram até hoje explorados.

Ao sul do Douro começa a fazer sentir-se a influência

*logia Prehistórica de la Peninsula Ibérica*. «Bol. de la Bibl. M. Pelayo.» Santander, 1922; Mendes Corrêa. *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto, 1924, pág. 264; F. L. Cuevillas e F. Bouza Brey. *Os Oestrimnios, os Saefes e a Oliolatria en Galiza*. Sep. dos «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos». II, A Cruña, 1929, etc.

ibérica na cerâmica, bronzes e na planta rectangular das casas (Condeixa-a-Velha; Santa Olaia; etc.).

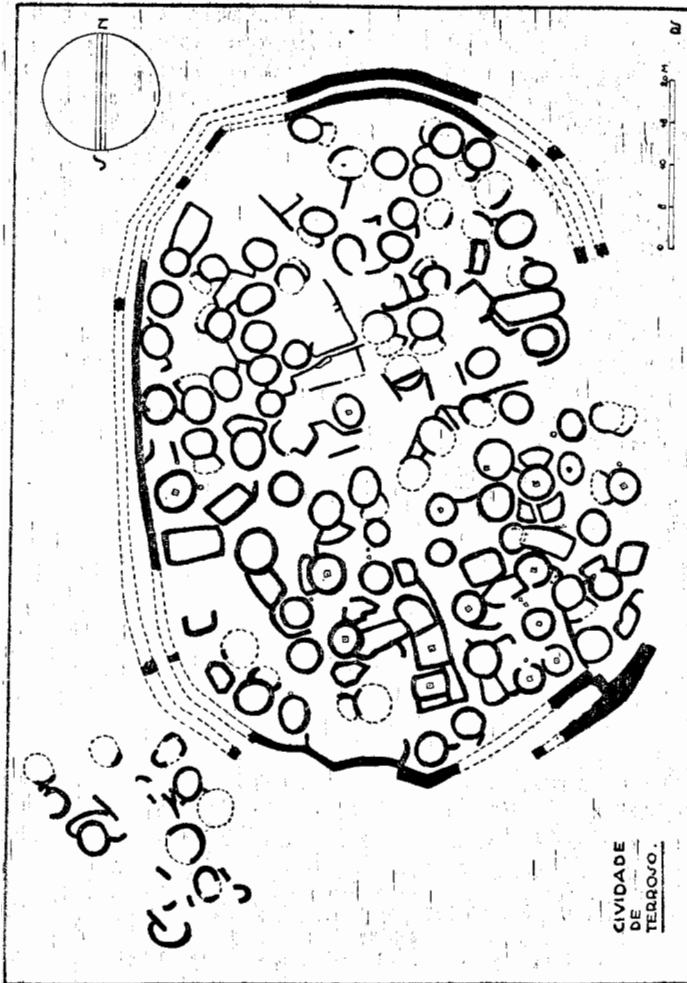


Fig. 2 — Planta da parte explorada da Cividade de Terroso, segundo o original do Arq. Gonçalo Cruz

A dupla muralha de *Terroso*, construída de grandes blocos sem argamassa, é do mesmo tipo da de *Belinho* (Espôsende) descoberta pelo Poeta António Corrêa de Oli-

veira. De planta oval, mede cerca de  $85 \times 60$  m. segundo os eixos maior e menor (fig. 2).

Dentro dela contam-se 80 casas circulares e talvez 15 rectangulares com os ângulos arredondados, muito apertadas e deixando entre si estreitos arruamentos sinuosos e pequenos largos empedrados, como se vêem na planta desenhada pelo sr. Gonçalo Cruz (escala 1:400 no original). Observa-se idêntica disposição em Belinho e Sabroso.

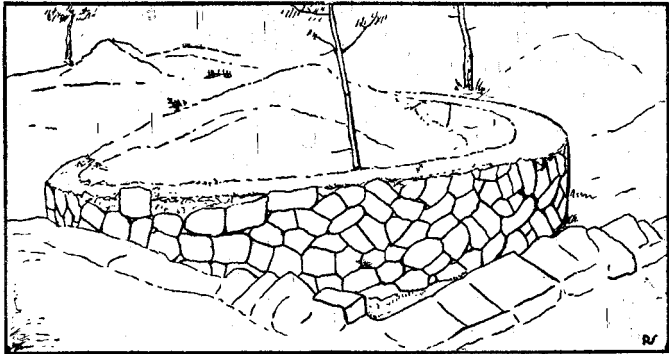


Fig. 3 — Casa circular de Terroso (aparelho poligonal) segundo fot. de G. Calheiros

Este tipo de planta representa para nós o plano castrejo primitivo, enquanto que em estações similares, como Briteiros, se notam arruamentos definidos e orientados, e menor acanhamento na construção (1).

O aparelho das casas é de pedra solta, irregular ou poligonal (fig. 3). Algumas apresentam uma pequena dependência anexa, considerada provavelmente como estábulo, e, por vezes, no centro uma pedra ou pilar para apoio da cobertura.

(1) A planta de Briteiros, levantada pelo Eng. A. de Castelões em 1892, foi publicada por Chr. Ayres. *Historia do Exército Portuguez. I*, est. XI, pág. 420. Lisboa, 1896; no número especial da *Revista de Guimarães* (Pôrto, 1900) dedicado a Martins Sarmento, e reproduzida por A. Schulten. *Numantia. Eine topographisch-historische Untersuchung* p. 34 e carta III. Berlin, 1905. O Sr. Cap. Mário Córdozo ofereceu à Soc. Martins Sarmento uma cópia dela (escala 1:200), reproduzida no seu guia *Citânia e Sabroso. Notícia descritiva*. Guimarães, 1930.

Na cerâmica temos de separar a indígena incisa e estampada, que constitue o grupo mais importante da luso-romana, representada por fragmentos de ânforas, de tégulas, etc., não constando porém o aparecimento de *terra sigillata* (1).

As decorações incisadas primitivas apresentam largas reminiscências da idade do bronze. São constituídas por ornatos em xadrez, «chevrons», sinusoides, cordões em relêvo, traços paralelos com os intervalos tracejados como nos vasos campaniformes, impressões digitais, etc.

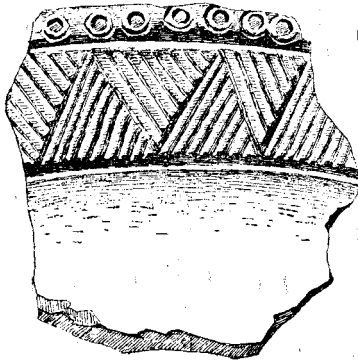


Fig. 5 — Cerâmica castreja de Terroso (Desenho de G. Cruz).

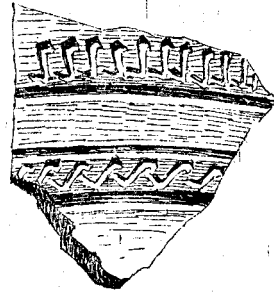


Fig. 4 — Cerâmica castreja de Terroso (Desenho de G. Cruz).

Estas decorações encontram-se em cerâmica micácea escura ou amarela, e em fragmentos de vasos de largo bôrdo, conhecidos pela designação imprópria de vasos em forma de chapéu invertido (2), que são peculiares dos castros do norte do País.

A-par dos ornatos incisados aparecem estampados círculos simples e concêntricos, quadrados, séries de palmípedes estilizados (SS), «postes», pérolas em relêvo, etc., cuja área de distribuição quási

(1) Este facto tem algum interêsse para datar apòximadamente o abandono da Cidade, comprovado pela completa carência de armas. Como se vê, a romanização devia estar no início, e a falta de *terra sigillata* marca o Séc. I a. J. C. como *terminus ante quem* para a ruína do povoado. Se atendermos, porém, a que a romanização do noroeste peninsular se deu tardiamente, poderemos talvez ampliar aquele limite até ao Séc. I da nossa era. Faltam outras observações cronológicas para formular conclusões mais precisas.

(2) José Fortes, *Vasos em forma de chapéu invertido* (Villa do Conde). «Portugalia», II, pág. 662. Pôrto, 1908.

coincide com a dos castros com casas redondas, revelando a cultura céltica setentrional. Os círculos concêntricos estampados encontram-se também na cultura ibérica do sul (Chibanes, Santa Olaia).

Da colecção de 101 desenhos dos melhores fragmentos cerâmicos ornamentados de Terroso (no Instituto de Antropologia do Pôrto), escolhemos alguns para representar os principais tipos de decoração (figs. 4-6).

As asas da cerâmica castreja são mamilares ou separadas do bojo, contando-se entre estas as curiosas asas no interior dos vasos que se encontram em: Azere, Belinho, Briteiros, Carvalhos, Guifões, Laúndos, Sabroso, S. Julião de Caldelas, S. Tecla, etc.

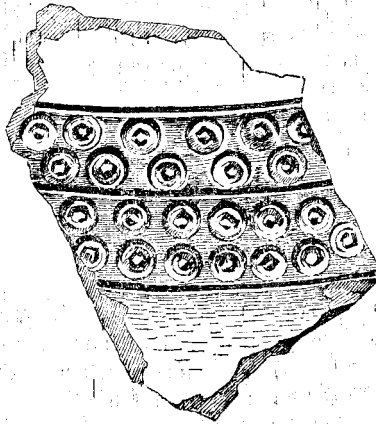


Fig. 6 — Cerâmica castreja de Terroso (Desenho de G. Cruz).

São raros os vasos intactos ou de que se reconstitue a forma. Em geral de pequenas dimensões, têm o fundo plano e no perfil lembram pequenas olas e vasos campaniformes (no Museu M. do Pôrto). Encontram-se vasos muito parecidos em Briteiros e S. Tecla (Galiza).

Da cerâmica romana lisa, que nos castros substitue a indígena ornamentada, destacam-se bastantes fragmentos de ânforas de tipo ibero-romano de bojo rotundo, apresentando dezasseite umbos as marcas incisas: C, II e E, F, H, I, M, R, V. As ânforas deste tipo encontram-se sobretudo no norte (Briteiros, S. Tecla), enquanto que no sul abundam as itálicas e norte-africanas.

De vidro, apenas se conta de aproveitável um fragmento de bracelete de vidro negro, semelhante a outros de Fiães da Feira, e quatro contas de vidro azul forte e esverdeado, iguais a outras de Chibanes, Condeixa-a-Velha e Santa Olaia.

Os objectos de bronze de Terroso documentam a romanização sofrida pela Cidade, mais do que o restante

material, onde se encontra quasi puro o *habitat* indigena. Contam-se efectivamente três moedas, fibulas de charneira e botão, dois *stili* muito bem conservados, etc.

Contudo a maioria das fibulas é post-hallstática, representando amplamente o fundo castrejo (fig. 7).

Cêrca de quinze exemplares pertencem ao tipo de Sabroso (4), compreendendo fibulas fabricadas duma só peça e com a mola bilateral como as de La Tène, mas com

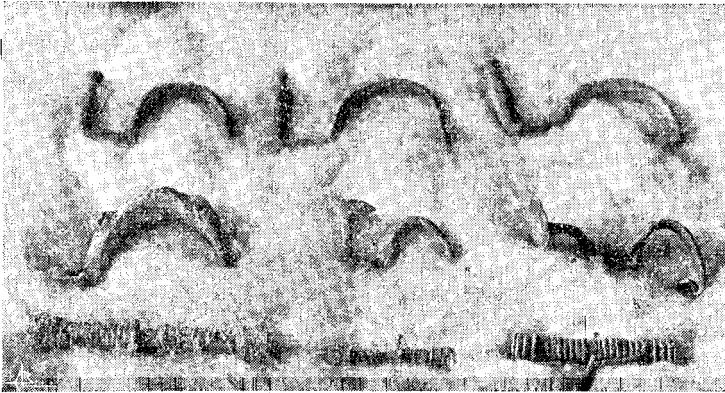


Fig. 7 — Fibulas de Terroso

o apêndice caudal separado do arco e terminado num botão ou num prato.

São ainda notáveis, entre outros, os fragmentos de três fibulas, de tamanho diferente mas de igual decoração, que formam uma variante do tipo de Santa Luzia, constituída por fibulas em S, com o pé dobrado em ângulo recto e terminado em prato; o arco, mola bilateral e fusilhão são independentes, enrolando-se a mola num eixo de ferro terminado por dois tambores de bronze ornamentados com um duplo cordão em espinha. Na Cidade de Belinho (Espôsende) o Poeta António Correia de Oliveira recolheu uma fibula completa (inédita) precisamente igual no

(4) J. Fortes. *As fibulas do noroeste da Península. «Portugália»*. II. Porto, 1905, pág. 15.

tipo e decoração a uma das de Terroso, e em Briteiros apareceu pelo menos outra do mesmo tipo.

Prova-se assim a existência de relações comerciais entre as populações castrejas, divulgando objectos de fabrico certamente indígena, como faz supor o aparecimento de cadinhos de barro com restos de bronze em Terroso.

As fivelas são de dois tipos, que aparecem nas estações marneanas de Châlons, Compiègne, etc. Num, mais primitivo que se encontra em Briteiros, Chibanes, Sabroso, etc., o aro é circular, de espessura constante e o fusilhão dobra-se sobre êle. Noutro, muito vulgar nas estações



Fig. 8 — Fivelas de Terroso

luso-romanas <sup>(1)</sup>, as extremidades do aro são reviradas e ornamentadas, a sua espessura é variável (aro em sanguesuga) e o fusilhão apresenta um orifício por onde atravessa o aro <sup>(2)</sup> (fig. 8).

As agulhas (fig. 9) compreendem: doze de costura com orifício para passar a linha como uma de Sabroso <sup>(3)</sup>; e sessenta e quatro alfinetes de cabelo (*acus crinalia*), com a cabeça esferoidal, tronco-cônica ou composta, sendo um deles recoberto de prata.

Entre outros objectos de bronze contam-se: um ornato circular com goteiras para encher de esmalte (como três

<sup>(1)</sup> Encontram-se em: Alcobaça, Arados, Azere, Bencafede, Briteiros, Carvalhos, Castreljão de Quintela, Fiães da Feira, Freixo de Numão Mondim da Beira, Outeiro de Assenta, Pedrulha, Sabroso, Samouco, Telões, Vidais, Vilarinho de Cotas, etc.

<sup>(2)</sup> J. Fortes. *Fibulas e fivelas*. «O Archeologo Português», IX, pág. 1.

<sup>(3)</sup> Martins Sarmento. *Materiaes para a Archeologia do concelho de Guimarães*. Rev. de Guimarães, XXIV, pág. 57.

de Sabroso), uma asa de situla e fragmentos de chapa, anéis, um alvado partido, uma pequena cadeia, etc.

De ferro, apenas há a lâmina duma faca, comparável a outras de Numância; parte dum instrumento de alvado; pregos; uma concha servindo talvez de asa e fragmentos informes.

Observa-se a ausência completa de armas, para estranhar num meio sem dúvida guerreiro, o que é verosimil

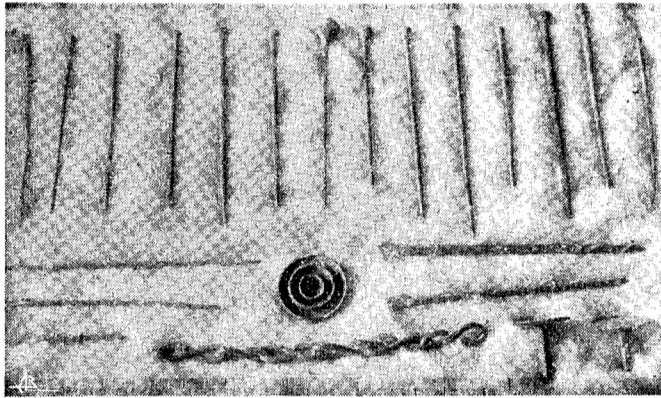


Fig. 9 — Alfinetes e objectos de bronze de Terroso

atribuir à conquista romana, pois facto idêntico se observa na maioria dos castros romanizados (Briteiros).

Parece que em *Terroso* se trabalhava em ourivesaria, pois apareceram pedaços de ouro e prata com vestígios de utilização. Recorde-se que no vizinho castro de Laúndos se encontrou dentro duma casa circular um vaso semelhante aos de Terroso, contendo um par de arrecadas de ouro, a cabeça dum torques e granitos metálicos (1).

Não consta que aparecessem inscrições, o arquivo fotográfico apenas conserva notícia de onze pedras com gravuras. Quatro apresentam insculpturas rudes onde parecem descobrir-se representações antropomorfas no género

(1) Ricardo Severo. *As arrecadas de ouro do Castro de Laúndos*. «Portugalia», II, pág. 404. Porto, 1907; J. Fortes. *Ouros protohistóricos da Estella* (Póvoa de Varzim). «Portugalia» II, pág. 605.

das de Briteiros e Santa Tecla; uma pedra comprida tem



Fig. 10 — Suástica flamejante de Terroso (seg. fot. de G. Calheiros).

um ornato em espinha (fig. 12) de tipo castrejo (Sabroso e Briteiros), como o descoberto pelo Sr. José de Pinho em Santo Estêvão de Oldrões (Penafiel); uma pedra circular apresenta um suástica flamejante de dez ou onze braços (fig. 10), muito frequente em pedras avulsas dos castros e em estelas sepulcrais luso-romanas; outra pedra tem um triângulo com as bissectrizes (fig. 11), figura

de que se encontra paralelo em Santa Tecla (1). Tentamos pela primeira vez indicar o material

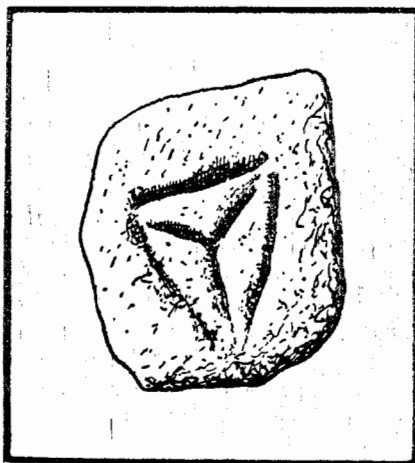


Fig. 11 — Pedra ornamental de Terroso

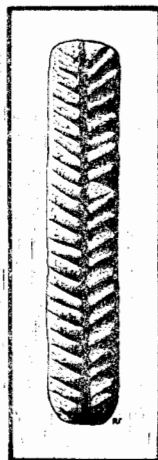


Fig. 12 — Pedra lavrada de Terroso (seg. fot. G. Calheiros).

explorado num castro típico, comparando-o com o dos seus irmãos do norte de Portugal e da Galiza.

(1) J. López Garcia. *La Citania de S.ta Tecla*, Fig. 32. A Guardia, 1926.

Confirmando opiniões ilustres, vê-se que a cultura céltica dos castros do norte de Portugal se apresenta com notável unidade e independência, mesmo ante a forçada e tardia romanização, que em alguns deve ser a introdutora de certos elementos ibéricos <sup>(1)</sup>.

R. DE SERPA PINTO.

---

### BIBLIOGRAFIA SARMENTINA

---

Ao ilustre Escritor Sr. Dr. Eduardo de Almeida devemos a indicação de mais um importante artigo de Martins Sarmento, enriquecendo assim o registo bibliográfico de que nos vimos ocupando desde 1927:

\* 1888 — Os Milesios da tradição irlandeza, n — *O Reporter* — 1.º ano. — n.º 316.

(*Etnol.*)

M. C.

---

(1) Comunicação apresentada pelo A. no *IV Congresso Internacional de Arqueologia* (Barcelona), em 26 de Setembro de 1929, e discutida pelos Profs. Taramelli e Obermaier. Sobre o Congresso, vid.: Vergílio Correia. *O 4.º Congresso Internacional de Arqueologia*. Separ. de «O Instituto», vol. 78, n.º 5. Coimbra, 1929.